

ABBA, PAI: O NOME SINGULAR

Em face da sarça que arde sem consumir-se, Moisés pergunta a Deus qual é seu nome. A indagação nasce das profundezas abismais do coração humano de todos os tempos. Perante o Mistério que o interpela, o ser que inevitavelmente se interroga a respeito do Sentido da sua aventura histórica, não pode esquivar a pergunta: Qual é teu nome?

*A resposta, enigmática, tem todo o caráter de evasiva. Deus não quer pronunciar seu nome. Nenhum dos nomes usados para designar as realidades terrenas, mesmo quando invocadas como divindades, pode nomear o Mistério inefável, que ao chamar para uma missão libertadora, começa assegurando sua Presença protetora. À objeção de Moisés — “Quem sou eu, para ir ao Faraó e fazer sair do Egito os filhos de Israel?” — Deus responde: *EU ESTOU contigo...*” E quando Moisés replica: “Eu irei para junto dos filhos de Israel para lhes dizer: o Deus de vossos Pais me enviou a vós. Se me perguntarem: Qual é seu nome? que lhes direi?”, Deus responde: “*EU SOU AQUELE QUE SEREI*”... “Assim falarás aos filhos de Israel: *EU SOU* me envia a vós” (Ex 3, 11 ss.)*

O tetragrama hebraico YHWH — derivado da forma arcaica do verbo “ser” (hawah) e que soaria como Iahvé ou Iahô, mas que o povo não ousava pronunciar — poderia significar “Eu sou aquele que sou” ou “Eu sou aquele que serei” ou tal vez ainda, entendendo-o como derivado de uma forma causativa, “Aquele que traz ao ser todo quanto é”. O verbo “ser”, nas primeiras expressões, deve ser entendido preferentemente como “estar presente” ou “estar ao lado”. Não é ilegítima, no entanto, a compreensão, derivada, num sentido mais metafísico, dentro do espírito de liberdade interpretativa que caracteriza a tradição bíblica, enriquecendo-se incessantemente com novas leituras do passado, na procura de uma Palavra divina para o presente. A filologia criativa suplanta, na índole

hermenêutica do povo eleito, a filologia arqueológica, contanto que seja realizada no interior de uma tradição viva constantemente enriquecida.

O Deus de Israel recusa ser encerrado num nome que possa ser enumerado entre nomes que designam as realidades criadas e revela-se pelo tetragrama misterioso que manifesta uma Presença. O ser humano reconhece no verbo que conjuga uma presença a voz que desvanece todos os temores e abre trilhas inesperadas à esperança. “Sou eu, não tenhas medo” diz a mãe à criança assustada por pesadelo noturno. “SOU EU, não temais” diz Jesus aos discípulos assustados ao revelar sua presença nas tempestades que se levantam contra os que seguem o crucificado.

É perfeitamente normal que esse nome remeta à experiência dos Pais: de Abraão, Isaac e Jacó. Porque a Presença misteriosa deve ter continuidade na história, na diversidade das experiências humanas. Presença do Mistério que só se revela na vida entendida como vida em diálogo e caminhada solidária, à procura de uma terra onde viver em liberdade. Na esperança e na responsabilidade de uma descendência, “numerosa como as estrelas do céu”. Assim Deus se revelou a Abraão. E a experiência arcaica ecoa no coração do homem e da mulher mais recentes, até poderem exclamar surpreendidos, parafraseando Cecília Meireles: “A história de minha vida, quem a esconde em terras de muito longe... Deve estar em qualquer parte a voz que minha alma escuta. A voz que lhe está dizendo: Vem comigo que eu te levo a um paraíso...”

A experiência do Nome, revelado ao mesmo tempo que escondido, só poderá realizar-se no Êxodo de todo o povo à procura difícil da liberdade e a caminho de uma terra que não está pronta em lugar algum e obriga a retomar incessantemente a caminhada “sem saber para onde se vai” e a “considerar a humilhação do Cristo como riqueza maior que os tesouros do Egito”, conforme o ousado anacronismo da carta aos Hebreus (11, 8.26), que mostra a legitimidade da leitura sincrônica das manifestações bíblicas de Deus.

A experiência de Deus é imanente à experiência da totalidade da aventura humana, embora a transcenda. Estes dois pólos, imanência e transcendência, devem estar presentes na hora de dar um nome ao Mistério divino. Certas tendências atuais a identificar Deus com o fundo misterioso ou a profundidade abismal da realidade criada privilegiam o pólo da imanência deixando na sombra a transcendência. Por esse caminho torna-se totalmente impossível dar um nome pessoal ao Mistério que envolve o homem.

Tais tendências, porém, são uma advertência à facilidade de atribuir-lhe um nome que possa levemente ser enumerado entre os nomes que designam as realidades terrenas. Deus non numeratur cum creaturis, sentenciava com sabedoria Tomás de Aquino. Deus não é um a mais

entre as criaturas. O Deus invocado com tanta freqüência atualmente, sobretudo em emissões de rádio e de TV, como garantia da prosperidade material ou como pronto-socorro em situações insuportáveis de desemprego, de miséria, de doença, não é concebido como uma força intramundana entre outras, revestida de atributos divinos? Paradoxalmente, o esquecimento da imanência divina, do Mistério presente e atuante em todas as realidades criadas, da sua inefabilidade acaba por ser concebido como “mais uma força” ou “mais uma pessoa” entre as realidades terrenas, embora imaginada com atributos supra-humanos: anula-se a verdadeira Transcendência.

Alguém que não é a nuvem, nem o fogo, nem as árvores, nem o rio, nem a suave brisa da tarde, nem o homem, nem a mulher..., na nuvem, no fogo, nas árvores, no rio, na suave brisa da tarde, no homem, na mulher... manifesta sua presença. Imanência e transcendência de Deus, tão graficamente expressas pela Bíblia com a imagem do Anjo de Deus, que mostra a imediatez da comunicação divina à criatura, ao mesmo tempo que a necessidade da mediação criatural, posta pelo próprio Deus, para que a mensagem divina possa ser apreendida pelo homem.

Durante séculos o misterioso tetragrama hebraico, YHWH, lembra pedagogicamente a distância do Mistério infinito do qual, só ele próprio pode pronunciar o nome, ao mesmo tempo que a proximidade, totalmente gratuita, de uma Presença. Até o momento em que o próprio Deus põe a mediação definitiva para a autocomunicação do seu Mistério à criatura: o Filho, a Palavra eterna feita carne.

Só então, na boca do Filho, se revela o nome mais apropriado para invocar o Mistério transcendente que nos habita: ABBA, PAI.

O nome YHWH devia ser entendido, não a partir da designação de uma realidade terrena, como um nome entre outros, mas da narração dos eventos divinos da salvação em favor do povo da Promessa. Assim a designação de Deus como PAI não pode ser deduzida da experiência humana do pai ou da mãe terrenos (embora o termo suponha essa experiência e a capacidade analógica da linguagem). Só encontra o seu sentido revelador a partir da narrativa do evento singular Jesus de Nazaré, como manifestação definitiva da ação salvadora de Deus.

Nos lábios de Jesus a invocação singular de Deus como Pai, em analogia com o tetragrama YHWH, conjuga e declina uma Presença que se faz, no coração humano, intimidade e interioridade sem limites: “Abba, Pai!... não seja o que eu quero senão o que tu queiras”, “meu Pai”, “sede perfeitos (no amor) como vosso Pai celeste é perfeito”, “Quando quiseres orar, entra em teu quarto mais retirado, tranca a tua porta, e dirige a tua oração ao teu Pai que está ali, no segredo. E teu Pai, que vê no segredo,

te retribuirá”, “orai assim: Pai nosso, que estás nos céus”, “se perdoardes, vosso Pai vos perdoará”, “Pai, perdoa-lhes”...

A palavra *Pai* aparece centenas de vezes no Novo Testamento. Nos evangelhos, nos lábios de Jesus. Nos outros escritos, nos lábios do cristão. Dos lábios de Jesus passa aos lábios da Igreja. Para o cristão Deus, é “o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo” em primeiro lugar, mas também nosso Pai. E a invocação *Abba, Pai*, passa também dos lábios de Jesus aos lábios do cristão. “Porque Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: *Abba, ó Pai* (Gal 4,6)! E o próprio Jesus nos ensina a orar: “Pai nosso, que está no céu...”

Seguir a declinação da palavra *Pai* nos escritos do Novo Testamento equivale a ser envolvido pelo Mistério da encarnação do Filho de Deus, ao longo da trajetória que desce da eternidade e infinitude de Deus até à kénose da cruz, para ser depois elevado, com o Filho, ao âmago da glória divina, numa experiência que nenhum mortal poderia ter sonhado.

Chamar a Deus de *Pai* é viver a experiência batismal de morrer com Cristo para renascer, banhado pelo Espírito de Deus, à vida eterna do Filho. É ser submergido no mistério eterno do Filho, que tudo o que é o recebe do Pai e ao Pai o devolve na transbordante comunhão de ambos que é o Espírito.

O lugar da revelação que nos submerge no Mistério eterno de Deus *Pai* só se dá no supremo extravasamento divino, na cruz do Cristo, em que o Espírito é dado aos homens. Aí Deus se revela como relação eterna e recíproca do amor do Pai e o Filho, na comunhão transbordante do Espírito. Porque o Pai não poupou o Filho, expondo-o à violência de uma humanidade transviada pelos caminhos da mais absurda negação da sua origem, para poder acolher na casa paterna os filhos que se haviam perdido. E o Filho se revela como tal ao carregar sobre si, na kénose do seu caminhar terreno, as dores e as enfermidades do homem pecador no mesmo movimento de amor que o faz desde a eternidade voltar-se para o Pai. Porque o Filho, feito carne, não pode encontrar o Pai à margem da humanidade sofredora.

O Deus, que sendo eterna sobreabundância do amor, não teria necessidade de nada fora de si, na liberdade do amor é atraído para o ser humano porque o seu alimento é fazer a vontade do Pai, que é a vida em plenitude dos filhos dispersos pelo pecado.

A lógica humana é incapaz de compreender isto. Todas as tentativas de encerrar Deus nas categorias humanas do divino caem por terra e só fica a afirmação de João: Deus é Amor ou a invocação de Jesus: *Abba, Pai*. A primeira não pretende ser uma definição de Deus, porque o

predicado não é exterior ao sujeito e nada fora de Deus poderia definir Deus. A segunda não quer ser uma nomeação de Deus a partir de uma realidade terrena, porque Deus é maior que tudo o que possa ser pensado.

Ambas, a afirmação de João e a invocação do Filho, outra coisa não fazem senão enviar-nos à narrativa do acontecido em Jesus de Nazaré, convidando-nos ao seguimento. Somente a prática do amor no encaço de Jesus — um amor que se abaixa até os mais desprezados da terra, um amor disposto a dar a vida pelo menor dos irmãos — pode introduzir-nos no Mistério que nos envolve e nos transborda. O Mistério mais íntimo a nós do que nós mesmos. O Mistério que nos transcende infinitamente, ao mesmo tempo que nos submerge na vida do Filho e com ele nos impele a clamar Abba, Pai, no mesmo ato com que chamamos de irmãos Àquele e àqueles que “desprezados, são deixados de lado pelos homens, homens de dores, familiarizados com o sofrimento” (cf. Is 53,3).

Na cruz de Cristo se revela a glória de Deus, ao ser revelado que o esplendor da vida humana, a sua glória, o seu valor é a vida do irmão, “que estava morto e voltou a viver, perdido e foi encontrado”(Lc 15,24).

A afirmação de João “Deus é Amor”, remete à manifestação do amor de Deus na missão do Filho como vítima de propiciação por nossos pecados, e nos empurra a viver por Ele e a amar-nos uns aos outros como ele nos ama, para que permaneça em nós o amor revelador de Deus (cf. 1Jo 4, 8 ss.).

Mas, se nenhuma realidade criada pode revelar ou nomear apropriadamente Deus, “porque ninguém jamais viu a Deus”(1Jo 4,12), a revelação de Deus como Pai no amor crucificado de Jesus Cristo que, ao doar-nos o Espírito, nos eleva às alturas da própria vida divina, nos introduz nos escondidos recantos do amor divino e põe em nossos lábios a palavra Abba, no mesmo impulso que nos leva a abraçar e acolher na casa paterna o irmão que estava longe.

Abrem-se para a vida humana horizontes dantes nunca vislumbrados, que das recônditas profundezas do Mistério que nos acolhe filialmente, transborda até a experiência da paternidade e maternidade humanas. “Porque o amor vem de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece Deus” (1Jo 4,7).

Para preparar um povo capaz de receber um dia a revelação de Deus Pai, YHWH dá ao seu povo a Lei da aliança, e o educa e corrige incessantemente para que viva a justiça e a fraternidade nas relações com os outros. Não é por puro acaso que os mandamentos da segunda tábua começam com o preceito de honrar o pai e a mãe, em correspondência com os da primeira, encabeçados pelo mandamento do amor a Deus.

Foi necessária esta longa educação de um povo nos caminhos do amor, do respeito e da veneração do pai e da mãe, para que um dia o Filho eterno de Deus, feito carne, aprendendo a viver humanamente como filho de Maria e de José, revelasse na prática mais radical do amor fraterno, no meio de um mundo violento, a fonte transbordante donde deriva toda paternidade. Paternidade que no ser humano, criado homem e mulher, se desdobra necessariamente na complementaridade do pai e da mãe, como o mandamento do amor divino se desdobra no mandamento de honrar pai e mãe.

A crise atual da vivência desta complementaridade, a experiência de tantos e de tantas que sentem na carne a ruptura da unidade na nomeação do pai e da mãe, não estará a revelar a crise mais profunda da falta da experiência fundante de Deus como Pai, no amor crucificado de Jesus? Porque a crise da paternidade e maternidade humanas não se resolverá com advertências éticas e muito menos com campanhas libertárias numa concepção hedonista do amor, enquanto o ser humano não procurar a fonte de toda paternidade e maternidade, na revelação singular da paternidade divina no êxtase de amor da cruz de Cristo.

A busca de experiências esotéricas do divino ou, mesmo dentro das igrejas cristãs, a ânsia de vivências que assegurem ao indivíduo a proteção “especial” de Deus, defronte a tanta miséria e desespero que o circundam, mostram, por contraste, a necessidade urgente de reencontrar o verdadeiro lugar da revelação de Deus Pai: o lugar dos humilhados e excluídos da terra. Numa sociedade que até com a religião está fazendo o jogo do consumo, na oferta alucinante de prosperidade e socorro nas situações de desespero, a fé cristã obriga a lembrar que a invocação singular, Abba, Pai, nasce dos lábios do Crucificado, que morre não para oferecer soluções fáceis ao sofrimento humano, mas para abrir caminhos ao Amor, que da fonte inexaurível do Mistério divino desce até o menor dos irmãos, para renovar todas as coisas.

Quando os cristãos, neste ano consagrado ao Pai, se dispõem a celebrar o vigésimo centenário da Redenção, nada mais conveniente para as Igrejas cristãs, que uma sincera meditação, ao pé da cruz do Cristo e ao lado de tantos crucificados de nossos dias, sobre a prática do Amor.

Mergulhando nessa prática, conduzida pelo Espírito de Deus e do seu Filho Jesus, que jorra do lado aberto do crucificado, os seus discípulos poderão sair da orfandade que esmaga tantos companheiros de jornada e fazer a experiência extática, junto com os deserdados da terra, de uma Presença que a dizer-lhes “YHWH, Sou eu, não temais”, convida a invocar o Mistério com o nome singular: Abba, Pai.